

Editorial 114 – A Conta externa no 3.º Trimestre de 2024

Por: Agostinho Mateus

A análise da Balança de Pagamentos revela importantes desenvolvimentos económicos.

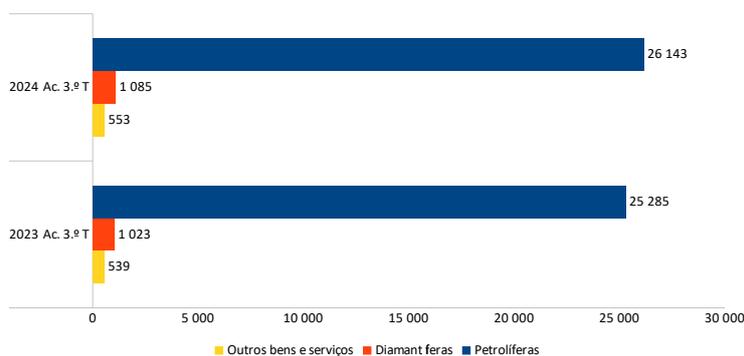
Tabela/Gráfico 1 – Balança Comercial

Conta Corrente (milhões de USD)	Trimestral 2022				2022	Tri. 2023				2023	2024*			2023	2024	Var. Trim.	Var Ac.
	1.º Tri	2.º Tri	3.º Tri	4.º Tri		1.º Tri	2.º Tri	3.º Tri	4.º Tri		1.º Tri	2.º Tri	3.º Tri	Ac. 3.º T	Ac. 3.º T		
Bens e Serviços Balança comercial	7 034	6 266	5 518	2 738	21 556	2 243	2 714	4 441	3 875	13 273	3 424	3 996	3 864	9 398	11 284	-13%	20%
Balança de bens	9 073	9 262	8 615	5 820	32 771	4 585	4 625	6 227	6 362	21 800	5 789	5 975	5 838	15 438	17 603	-6%	14%
Balança de Serviços	-2 040	-2 996	-3 096	-3 082	-11 215	-2 342	-1 912	-1 786	-2 487	-8 527	-2 366	-1 979	-1 974	-6 040	-6 319	11%	5%

Fonte: BNA

A conta de bens registou uma variação positiva de 14%, mesmo com queda de 6% no 3.º Trimestre. O aumento acumulado de 2.165 milhões de dólares resultou do crescimento das exportações (+920 milhões, maioritariamente de petróleo e diamantes) e da redução das importações (-1.245 milhões, principalmente em bens de consumo não combustíveis). A conta de serviços manteve-se deficitária, com redução de 5% e tendência negativa mais acentuada no 3.º Trimestre (+11%).

Tabela/Gráfico 2 – Exportações por categoria de produto



Fonte: BNA

O sector petrolífero mantém predominância nas exportações (94,1%), seguida por diamantes (3,9%) e outros produtos (2%). A produção de petróleo se estabilizou em 1,1 milhão de barris/dia desde 2022, apresentando leve recuperação no 3.º Trimestre (+2%). O investimento no sector atingiu 8,7 mil milhões de dólares em 2023, superando pela primeira vez desde 2019 a marca dos 7 mil milhões, com projecção de crescimento para 9,2 mil milhões em 2024. Contudo, mudanças potenciais na política energética dos EUA podem impactar nas capacidades de atractividade do país para investimentos.

As **exportações** petrolíferas cresceram 858 milhões de dólares, totalizando 26,1 mil milhões, enquanto as diamantíferas aumentaram 61 milhões, atingindo 1.085 milhões. O petróleo bruto registou um crescimento de 5,8%, impulsionado pelo volume exportado (+4,2%) e preços (+1,8%), apesar da queda de 8% no 3.º Trimestre. O gás apresentou queda de 19%, com aumento de 9,4% nas quantidades, mas queda de 16% nos preços.

As **importações** apresentaram uma redução geral de 5,5%, porém com crescimento de 5,1% no 3.º Trimestre. Está a dar-se uma inversão da tendência de queda das importações! Apesar de uma estratégia geral definida, a visão simplista do problema afetou a competitividade e a inflação. Não se deve eliminar a importação do que já se produz, pois isso protege a ineficiência. O foco deve ser a protecção dos melhores produtores e o incentivo à produção do que ainda não existe. Proteger indiscriminadamente a produção actual reduz a competitividade e impede a diversificação.

A redução das importações deve ser feita através da tributação de bens supérfluos, sem penalizar bens essenciais. A estratégia actual falha, agravada por erros na implementação, como uma pauta aduaneira desajustada da taxa de câmbio.

Embora a redução das importações esteja a melhorar o equilíbrio macroeconómico, está a gerar inflação e perda de poder de compra. Os bens de consumo corrente (excluindo combustíveis) caíram 20,2%, as despesas de combustíveis reduziram 7,1%, enquanto os bens de consumo intermediários cresceram 5,7%. Os serviços às petrolíferas diminuíram 6,9%, com queda acentuada de 34,5% no 3.º Trimestre.

Entre as principais categorias de importação, máquinas e equipamentos recuaram 5%, os combustíveis caíram 7,1%, enquanto os serviços de transporte diminuíram 9,4%. Bens alimentares registaram queda de 8%, viagens subiram 30,1%, sendo que, o grosso (96%) do aumento das viagens é capturado pelas companhias estrangeiras! (Onde anda a TAAG?), e construções e materiais de construção cresceram 17,8%. Contudo, não se observou no mercado um crescimento proporcional da construção. Serão importações de materiais para mais obras do Estado quando já se tinha dito que as obras do Estado iriam privilegiar os materiais locais? A importação de produtos químicos e farmacêuticos decresceram 16%, embora cresçam 28,7% no 3.º Trimestre. Apesar de ganharem uma posição esta redução de 16% na importação de medicamentos é a principal causa da inflação nesta categoria. As viaturas descem -38,8% com -11,5% no 3.º Trimestre. Uma evolução positiva, no nosso entender!

Os restantes bens e serviços caem de 3,0 para 2,6 mil milhões (-15,8%), mas com +1,8% no 3.º Trimestre.

A eliminação gradual dos subsídios aos combustíveis, se tivesse sido iniciada em 2018 como recomendámos, teria muito maior efeito macroeconómico e menor efeito inflacionista, mas, infelizmente, maior efeito político. Por isso continua a não ser feita.

É possível fazer a retirada imediata do subsídio geral, desde que se compense com subsídios a actividades específicas, sem choques dramáticos à produção e aos preços, mas com uma redução substancial do consumo deste produto de importação.

A **balança de transferências**, embora permaneça negativa, apresentou melhorias na variação acumulada (-13%) e no 3.º Trimestre (-16%). A balança de rendimento primário (salários, juros e lucros) melhorou 10%, reduzindo o *déficit* de 6,1 para 5,5 mil milhões de USD. A balança de rendimentos secundários, que agrupa todas as restantes transferências: ajuda familiar, saúde, férias, e a compra geral de bens (ex. casas) ou serviços (propinas) localizados ou prestados no exterior, etc. melhorou 48%, embora tenha piorado 20% no 3.º Trimestre.

O investimento angolano no exterior cresceu 7,2%, atingindo 35,2 mil milhões de dólares, com aumentos significativos em crédito comercial (+1,3 mil milhões) e moeda e depósitos (+0,28 mil milhões, líquidos). O prazo médio de recebimentos aumentou de 99 para 101 dias.

O **Investimento Directo Estrangeiro** em Angola caiu 1,7%, para 66,7 mil milhões de dólares, principalmente devido à redução nos empréstimos (-1,5 mil milhões). O IDE

apresentou resultados preocupantes, com o sector petrolífero a registar valores negativos (-212 milhões) e o não-petrolífero apenas 208 milhões de USD. Esta redução nos empréstimos externos, por incapacidade de contratar nova dívida em condições favoráveis, continua a ser o principal factor da falta de divisas. Associa-se a isso, o prazo médio de pagamentos que sobe de 67 para 68 dias, quando o prazo médio de recebimento é de 101 dias.

As **reservas internacionais** flutuaram entre 13,6 e 14,9 mil milhões de dólares desde 2022, alcançando 15,6 mil milhões no final de 2024, em virtude do pagamento pelo Tesouro dos empréstimos de tesouraria concedidos pelo BNA em 2024, que, por lei, têm de ser liquidados em dinheiro até 31 de Dezembro.

A cobertura de liquidez varia entre 5 e 8 meses, estabilizando próximo a 8 meses entre o 3.º Trimestre de 2023 e 2024.

A **conta corrente** aumentou 93%, atingindo 5,6 mil milhões de dólares, apesar da queda de 11% no 3.º Trimestre. A balança comercial cresceu 20%, chegando a 11,3 mil milhões de dólares. O saldo do investimento externo, incluindo reservas do BNA, foi prejudicado em 18,2%, totalizando 16,6 mil milhões de USD.

A conta de **erros e omissões** retornou a saldos negativos após um ano de saldos positivos, indicando necessidade de maior controle pelas autoridades competentes. Os investimentos externos cresceram apenas 0,76 mil milhões de dólares, contra uma expectativa de 1,7 mil milhões, devido a -0,94 mil milhões de erros e omissões.

Luanda, 10 de Fevereiro de 2025